

A LÍNGUA INDÍGENA DE SINAIS MAKUXI (RORAIMA)

THE INDIGENOUS MAKUXI SIGN LANGUAGE (RORAIMA)

Jaelson da Silva Santos | [Lattes](#) | jaelson.aakan@hotmail.com
UNICAMP

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, apresentar uma breve descrição linguística dos aspectos gramaticais de uma língua de sinais emergente, usada/falada por dez surdos indígenas da etnia Makuxi. A Língua Indígena de Sinais Makuxi (LIS Mak) é uma língua de sinais emergente usada no município de Uiramutã, no estado de Roraima, e pertence ao grupo de línguas indígenas de sinais ainda sem descrição. Este estudo faz parte da pesquisa de doutorado e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dada a natureza visual-espacial da LIS Mak, os dados foram coletados por meio de entrevistas em vídeo, posteriormente anotados e transcritos utilizando o *software* ELAN para permitir uma análise detalhada dos sinais. Como resultados, descrevemos aspectos lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos da LIS Mak que possibilitam novos olhares para a emergência de descrição desta língua, que já se encontra em risco de extinção.

Palavras-chave: Língua de sinais emergente; descrição linguística; língua indígena de sinais Makuxi; Roraima.

Abstract: This article presents a brief linguistic description of the grammatical aspects of an emerging sign language used/spoken by ten indigenous deaf people of the Makuxi ethnic group. The Makuxi Indigenous Sign Language (Mak LIS) is an emerging sign language used in the municipality of Uiramutã, in the state of Roraima, and belongs to the group of indigenous sign languages that have not yet been described. This study is part of the doctoral research and was approved by the Research Ethics Committee (CEP), the National Indian Foundation (FUNAI) and the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). Given the visual-spatial nature of Mak LIS, data were collected through video interviews, later annotated and transcribed using ELAN software to allow a detailed analysis of the signs. As a result, we describe lexical, phonetic-phonological and morphosyntactic aspects of Mak LIS that allow new perspectives on the emergence of the description of this language, which is already at risk of extinction.

Keywords: Emerging sign language; linguistic description; Makuxi indigenous sign language; Roraima.

Introdução

Os estudos descritivos sobre as línguas de sinais têm aumentado significativamente nos últimos anos. E, dentre esses estudos, uma área vem ganhando destaque nos estudos linguísticos: a descrição de línguas de sinais emergentes, principalmente de comunidades indígenas. No Brasil, temos alguns trabalhos dedicados a essa temática, tais como os de Vilhalva (2009), que trabalhou especificamente com as comunidades indígenas Guarani de Jaguapiru e Bororó, do município de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul; Sumaio (2014), que descreve aspectos da língua Terena de sinais falada nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo; dentro dessa área, mas com foco em comunidades não indígenas, temos alguns trabalhos como o de Adriano (2010), que se dedicou a identificar os sinais caseiros e a emergência dos sinais usados por surdos do interior do Ceará. Há também o trabalho de Pereira (2013), no campo da antropologia, no qual descreve a Cena, nome dado à língua de sinais da comunidade de Várzea Queimada, localizada no estado do Piauí, região Nordeste.

Mais recentemente, na região Norte do país, Costa (2017) mapeou os sinais relacionados ao contexto familiar nos Sinais Paiter Suruí; por seu turno, Eler (2017) se dedicou a mapear os sinais usados por surdos no contexto da educação escolar indígena também dos Sinais Paiter Suruí. Ambas as pesquisas foram realizadas na aldeia Gapgir, da Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia.

Há pouco tempo, Araújo e Oliveira (2021) fizeram uma publicação com indícios da existência de uma língua de sinais emergente, contudo, tal pesquisa não apresenta dados linguísticos sobre a referida língua. Assim, este artigo tem por objetivo promover uma descrição linguística preliminar (com foco no léxico, fonética e fonologia e sintaxe) da Língua Indígena de Sinais Makuxi, uma língua de sinais emergente (LSE) utilizada por dez surdos de uma mesma família, localizada no município de Uiramutã, no sul do estado de Roraima.

O município de Uiramutã fica a aproximadamente 315 km de Boa Vista, capital de Roraima, é formado majoritariamente por ouvintes bilíngues (Português/Makuxi) e, nele, há esse grupo de surdos, pertencentes à mesma família, com faixa etária entre 29 e 49 anos. A progenitora dessa família é bilíngue em Português/Makuxi, era ouvinte e ficou surda depois de adquirir meningite. Depois disso, todos os filhos que vieram, na sequência, nasceram surdos; contudo, apenas estudos mais específicos podem atestar esta informação.

A língua indígena de sinais Makuxi faz parte daquilo que os linguistas Le Guen, Safar e Coppola (2020) têm chamado de línguas de sinais emergentes, ou seja, línguas

que surgem nos contextos em que a comunidade surda está, por alguma razão, isolada da oferta de *input* de outra língua de sinais estável, em um local em que se identifica uma alta incidência de surdez hereditária (Almeida-Silva e Nevins 2020).

Línguas de sinais x línguas de sinais emergentes

Durante muito tempo, a tarefa dos pesquisadores das línguas de sinais tinha por objetivo atestar que tais línguas eram línguas naturais e não apenas mímica ou apenas gestos como muitos acreditavam.

Dessa forma, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 30), William Stokoe é considerado o pai da linguística das línguas de sinais, pois, em 1960, “percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína”. Os estudos de Stokoe sobre a *American Sign Language* (ASL) revolucionaram os estudos linguísticos, uma vez que, até então, todos os estudos da linguística se voltavam apenas para as línguas de modalidade oral. Esse marco deu, às línguas de sinais, visibilidade na comunidade científica e, aos poucos, os próprios surdos começaram a pesquisar as peculiaridades das línguas de sinais. Portanto, os estudos de Stokoe (1960) tornaram-se a base para que outras pesquisas em distintos países, inclusive no Brasil, fossem desenvolvidas e, assim, para que a descrição linguística das diferentes línguas de sinais existentes tenha sido iniciada.

Por mais que a Libras seja a língua de sinais reconhecida oficialmente, o Brasil possui também outras línguas de sinais que são raramente registradas e, no entanto, pelo menos duas dessas línguas já puderam ser minimamente documentadas: a língua de sinais Urubu-Kaapor (Kakumasu, 1968), utilizada pela etnia indígena dos Kaapor, situada no estado do Maranhão, na região nordeste do Brasil (Godoy, 2020) e a língua de sinais conhecida como “Cena” (Pereira, 2013), falada na cidade de Jaicós, no povoado de Várzea Queimada, no interior do Piauí, também na região nordeste do país.

Todavia, o levantamento realizado por Souza et al. (2018), aponta que há aproximadamente 12 (doze) línguas de sinais emergentes utilizadas pelas comunidades surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e comunidades indígenas.

Além disso, segundo Formigosa-Marie-Rose (2015), há dois tipos de Língua de Sinais (LS) no contexto da Libras: a LS regional e a LS emergente. Conforme a autora, a LS regional apresenta as características específicas que a língua assume em cada região brasileira. Já uma LS emergente é desenvolvida, por exemplo, por uma criança com sur-

dez de nascença, profunda ou severa, de família ouvinte, que não consegue adquirir a língua dos pais e cria seu próprio código gestual, aceito e compartilhado pela família ou por membros da comunidade, como é o caso da língua da comunidade indígena da região de Água Fria, no município de Uiramutã, no estado de Roraima. Dito isso, na subseção a seguir, apresentaremos algumas considerações sobre as línguas de sinais emergentes (LSE).

LSE emergentes

Segundo Le Guen, Safar e Coppola (2020), Fusillier (2001) e Brentari e Goldin-Meadow (2017), LSE são línguas de sinais recém-criadas que surgem espontaneamente dentro de comunidades surdas, normalmente entre crianças surdas que não estão expostas à língua de sinais dominante em sua região. Essas línguas de sinais surgem na ausência de entrada de linguagem formal e, muitas vezes, exibem características únicas e padrões gramaticais não encontrados em línguas de sinais estabelecidas. Eles também podem evoluir e mudar rapidamente ao longo do tempo. Exemplos incluem a Língua de Sinais Nicarágua e a Língua de Sinais Beduína Al-Sayyid.

A Libras é a língua usada por surdos nos grandes centros urbanos do Brasil; contudo, em suas pesquisas, Vilhalva (2009) fez um estudo das línguas de sinais emergentes em comunidades indígenas brasileiras de algumas regiões do Mato Grosso do Sul. A autora destaca ainda que há inúmeras comunidades que vivem isoladas do contato direto com a Libras. Assevera também que essas línguas podem desaparecer se mantiverem contato com a Libras, língua de maior prestígio; por isso, é importante registrar quantas forem possíveis.

Apesar dos estudos de Vilhalva (2009), que muito contribuíram para dar visibilidade para algumas línguas de sinais emergentes do Mato Grosso do Sul, ainda há regiões do país, e consequentemente línguas, sobretudo na região Norte, principalmente em virtude da distância e dificuldade de acesso, quase inexploradas, como é o caso da Língua Indígena de Sinais Makuxi.

Destaque-se ainda que tais usuários criaram uma forma de comunicação própria, contudo, por meio da interação, e que outros membros da família começaram a usar esses mesmos sinais ao ponto de, hoje, primas e algumas crianças as usarem naturalmente.

Ao mesmo tempo, Goldin-Meadow (1991) define a criação de sinais por crianças surdas como “sinais caseiros”, uma vez que a configuração desse comportamento comunicativo se manifesta, em princípio, no ambiente familiar. Para Dvos e Pfau (2015), os sinais caseiros são formas intermediárias de comunicação gestual em que apenas um ou

dois surdos desenvolvem um sistema de sinais caseiros em interações com sua rede auditiva relativamente limitada.

Nesse sentido, esses sinais são comumente chamados de sinais caseiros, mas alguns autores, dentre eles Fusillier (2001), reconhecem essas variedades como “língua de sinais emergentes” ou “rurais”, pois apresentam muitas das características gramaticais dos sinais comunitários na Libras. Ou seja, tais sinais foram criados no auge da necessidade comunicativa.

Na concepção de Meir et al. (2010), as novas línguas de sinais, sobre as quais os linguistas começaram a estudar, se enquadram em duas categorias diferenciadas pelas condições sociais de sua formação; nesta concepção, há duas possibilidades de nomes para essas LS: línguas de sinais de aldeia (emergente) e línguas de sinais da comunidade surda (língua de sinais consolidada – reconhecida pela comunidade surda). A principal diferença entre as duas reside na homogeneidade social de suas origens. Uma língua de sinais de aldeia (emergente) surge em uma comunidade relativamente insular na qual nascem várias crianças surdas. Uma língua de sinais da comunidade surda, por outro lado, surge quando um grupo de surdos, geralmente de lugares diferentes, é reunido (geralmente para fins educacionais, como em uma escola residencial) e forma uma comunidade.

Em relação às línguas de sinais emergentes, Le Guen, Safar e Coppola (2020) asseveram que:

[...] são línguas com uma duração de existência relativamente curta (geralmente não mais do que 2 ou 3 três gerações, ou seja, ligadas à presença de sinalizantes surdos). (2) Eles têm um número relativamente (inicial) pequeno de usuários primários, tão pequeno quanto no caso de um de um único sinalizante de sinais caseiros. (3) Não são línguas institucionalizadas, ou seja, nenhuma instituição externa decide sobre a evolução da língua. (4) Devido ao seu estado de emergência, essas línguas de sinais podem exibir altas taxas de mudança que não são observadas em línguas “consolidadas” que existem há centenas de anos e são usadas por uma grande comunidade. (5) Em muitos casos, especialmente para “línguas de sinais compartilhadas” (Nyst 2012), o número de sinalizantes ouvintes é maior do que os surdos sinalizantes, o que significa que as práticas gestuais que foram/são utilizadas como pano de fundo para a língua de sinais ainda são visíveis (Le Guen; Safar; Coppola, 2020, p. 4).

Nesse sentido, para Vilhalva (2009), as línguas de sinais emergentes são usadas, normalmente, por comunidades surdas isoladas linguisticamente e geograficamente dos grandes centros urbanos. A descrição tipológica dessas línguas pode se dar no cotejo de aspectos gramaticais de outras línguas de sinais e, inclusive, de línguas orais. Todavia, há que se considerar situações de contato tendo em vista a localização geográfica e o estatuto sociolinguístico dos surdos dentro dessas comunidades.

No contexto de línguas de sinais emergentes em aldeias, as pessoas compartilham

uma cultura e um ambiente social comuns de forma muito próxima desde o início. Este compartilhamento de contexto, expectativas e conhecimento facilita a comunicação entre elas, em comparação com pessoas de origens diversas. Esse nível de familiaridade permite que elas sejam menos explícitas verbalmente, mas ainda assim consigam se comunicar efetivamente sobre diversos tópicos, desde que compartilhem o mesmo contexto. Em outras palavras, elas podem usar menos palavras ou sinais para transmitir uma ideia, pois o contexto compartilhado e a familiaridade entre elas já proporcionam uma compreensão mútua. Este entendimento implícito torna desnecessário ser muito detalhado ou específico na comunicação, porque as pessoas já têm um conhecimento comum que facilita a interpretação das mensagens. Por outro lado, a grande diversidade que caracteriza os usuários de novas línguas de sinais em comunidades surdas pode acelerar o desenvolvimento de estruturas linguísticas sistemáticas (Meir et al., 2010).

Ainda para Meir et al. (2010), os sinais caseiros são um sistema de comunicação básico criado dentro de uma família com um ou poucos membros surdos. A diferença óbvia entre esse sistema (que pode ser convencionalizado para a criança solitária que o cria) e a linguagem de sinais é o número de pessoas para as quais a linguagem visual-manual é primária. Nos sinais caseiros, é um, enquanto em uma aldeia ou em uma comunidade de surdos a língua de sinais é grande, e essa diferença leva a diferenças estruturais nos dois tipos de linguagem. No entanto, a distinção não é categórica, mas gradiente. Os sistemas de sinais caseiros podem surgir em uma família com mais de um filho surdo. Nesses casos, a comunidade conta com vários indivíduos. Se o sistema de comunicação emergente se parece mais com um sinal caseiro criado por um indivíduo ou com uma língua de sinais é uma questão empírica que deve ser estudada para cada caso.

A forte semelhança das formas gestuais produzidas por diferentes crianças, provenientes de várias origens culturais, revela um processo de iconicidade da experiência baseada na descrição dos contornos da forma e/ou na recuperação gestual icônica de formas salientes de referentes categorizados. A exemplo disso, recentemente, em seu trabalho de conclusão de curso, Moura (2019) identificou alguns sinais emergentes usados por surdos indígenas de uma comunidade localizada na região de Canauanim, no município do Cantá, no estado de Roraima. Vale ressaltar que os dados da pesquisa de Moura (2009) mostraram que há, mesmo entre os sinais caseiros, características que os assemelham/aproximam dos parâmetros das línguas de sinais.

Diante disso, de acordo com Coppola e Senghas (2010), ao observarmos quaisquer línguas de sinais, é possível identificar gestos/sinais familiares, tais como: acenos, sinais de mãos e até mesmo expressões faciais embutidas no fluxo da língua.

Pfau e Steinbach (2011) argumentam, com base em dados de uma ampla variedade de línguas de sinais, que os caminhos típicos tomados pelos itens lexicais, à medida que

são transformados em elementos gramaticais, são os mesmos nas línguas de sinais e nas línguas orais.

Meir et al. (2010) destacam ainda que os estudos sobre as línguas de sinais emergentes ainda são novos e que, como observamos, as línguas de sinais emergentes se desenvolvem sob dois contextos distintos: dentro de pequenas comunidades ou aldeias onde a transmissão ocorre dentro e entre famílias e sob circunstâncias em que os usuários não relacionados de diferentes origens são reunidos em locais como escolas.

No Quadro 1, apresentamos uma lista com as línguas de sinais emergentes espalhadas pelo mundo. Tais dados têm por base as pesquisas de Dvos e Pfau (2015), Souza et al. (2018), Silva e Quadros (2019) e Ferrari (2022).

Quadro 1 – Lista das línguas de sinais emergentes no mundo

	Língua de sinas emergente	Localidade
1.	LS Adamorebe	Gana
2.	LS Al-Sayid Beduína	Israel
3.	LS de Judeus argelinos	Originalmente, Argélica, agora França e Israel
4.	LS Alipur	Índia
5.	LS Ban Khor	Tailândia
6.	LS Maia Yucatec	México
7.	LS Kata Kolok	Bali, Indonésia
8.	LS Koinchri Sain	Jamaica
9.	LS Inuit	Nunavut, Canadá
10.	LS Mardin	Turquia
11.	LS de Martha's Vineyrd	Nordeste dos Estados Unidos
12.	LS das Ilhas de Providência	Colômbia
13.	LS Ka'apor	Brasil
14.	LS de Sateré-mawé	Parintins – Manaus, Brasil
15.	LS Kaingang	Xanxerê – Santa Catarina, Brasil
16.	LS Terena	Mato Grosso do Sul, Brasil
17.	LS Guarani Kaiowá	Mato Grosso do Sul, Brasil
18.	LS Pataxó	Aldeia Coroa Vermelha – Bahia, Brasil
19.	Cena	Várzea Queimada – Piauí, Brasil
20.	Acenos	Cruzeiro do Sul – Acre, Brasil
21.	LS da Fortalezinha	Pará - Brasil
22.	LS da Ilha de Marajó	Ilha de Marajó (Ilha de Soure) – Pará, Brasil
23.	LS de Porto de Galinhas	Porto de Galinhas – Pernambuco, Brasil
24.	LS de Caiçara	Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará, Brasil
25.	LS Omágua-Kambebe	São Paulo de Olivença – Amazonas - Brasil
26.	Sinais Paiter-Surui	Rondônia – Brasil
27.	Sinais Akwe (Xerente)	Tocantins – Brasil
28.	LS Xukuru	Serra do Ororubá – Pernambuco, Brasil
29.	LIS Makuxi	Uiramutã – Roraima, Brasil

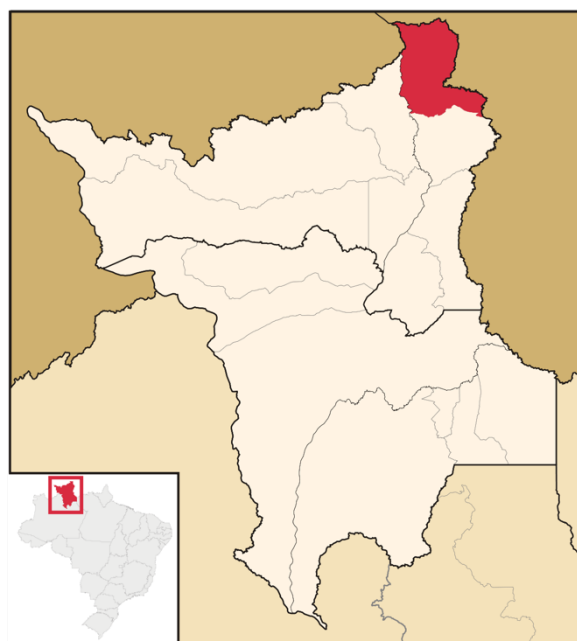
30.	LS de San Juan Quiahije Chatino	México
31.	Sinais de Zinacatan	Chiapas – México
32.	Sinais de Nebaj	Guatemala
33.	LS K'iche de Naulá	Guatemala
34.	LS das Ilhas da Baía	French Harbour/Jonesville – Honduras
35.	LS Brunca	Costa Rica
36.	LS Bribri	Costa Rica
37.	LS Central Taurus	Cadeias montanhosas no centro-sul da Turquia
38.	Sinais Maxakalí	Minas Gerais
39.	LS de São Tomé e Príncipe	São Tome e Príncipe
40.	LS do único surdo da Ilha Renne (compartilhada com os falantes ouvintes)	Ilha de Rennel – Ilhas Salomão, Polinésia
41.	Sinais dos surdos das ilhas Amami	Ilhas Amami – Japão

Fonte: Adaptado de Almeida-Silva e Nevins (2020)

A Língua Indígena de Sinais Makuxi – LIS Mak

A região na qual se encontra a família em questão é de difícil acesso. A comunidade fica a aproximadamente 315 km de Boa Vista, capital de Roraima, é formada majoritariamente por ouvintes bilíngues e, nela, há esse grupo de surdos que vivem praticamente isolados da comunidade, pertencentes à mesma família com faixa etária entre 29 e 49 anos. A Figura 1 apresenta o município de Uiramutã:

Figura 1 – Mapa do município de Uiramutã



Fonte: Associação dos Municípios de Roraima (AMR)

A população atual do povo Makuxi, segundo dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, corresponde a um total de 28.912 indivíduos residentes no estado de Roraima. Desses, 7.769 vivem fora das Terras Indígenas. Ainda de acordo com o censo, na região do Uiramutã vivem cerca de 7.382 indígenas, contudo, não há especificação se são ou não da etnia Makuxi. Destaque-se ainda que esses surdos não têm contato com outros surdos usuários de outras línguas de sinais.

Vale destacar que alguns membros não surdos da comunidade já iniciaram o aprendizado dessa língua de sinais emergente, inclusive crianças; na família, há pelo menos três que sinalizam, além de alguns primos e esposa de um deles que também sinalizam.

Metodologia

A primeira viagem à comunidade se deu em 2018, antes da pandemia, e já percebemos que ali havia uma língua praticamente consolidada, visto que a variação que normalmente acontece em línguas que estão se estruturando, não é presente na língua de sinais Makuxi. Contudo, devido à pandemia, só foi possível retornar à comunidade em 2023. O primeiro contato se deu com o progenitor que é ouvinte e nos apresentou suas netas¹ ouvintes e usuárias da língua de sinais Makuxi, as quais nos auxiliaram inicialmente na comunicação com eles. É importante ressaltar que o presente estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número 5.918.471, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) sob o número: 08620.002817/2023-21, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Inicialmente, os sinais usados por eles eram muito discretos (quase como acenos), pois sinalizavam muito rápido e discretamente. Após algumas horas de convivência, começamos a aprender alguns sinais. Vale destacar que, dos dez surdos presentes na casa, apenas as três mulheres se mostraram interessadas nas interações com os ouvintes e na pesquisa, mas depois os outros se aproximaram e interagiram normalmente.

Os sinais aprendidos eram anotados em cadernos e, depois de algum tempo, perguntávamos sobre os sinais anotados; assim, tínhamos a confirmação se eram realmente aquilo que tínhamos anotado. Além disso, gravamos, com o consentimento deles, conversas, léxico básico (nomes e verbos), além de algumas histórias.

Assim, com o auxílio de imagens, dispostas em um livro, começamos a apontar e levantar dados sobre o léxico da língua. Em uma das conversas, ao perguntarmos para uma das adolescentes como ela se referia à sua mãe quando esta não estivesse presente na situação de comunicação, ela fez um sinal que logo identificamos como sinal pessoal, e,

¹ Agradecemos imensamente as duas pela cooperação e colaboração na interação com os adultos surdos.

para comprovar, atestamos com os outros irmãos que logo apontavam para a pessoa sobre a qual o sinal se referia. Algo que chamou a atenção foi que, assim que chegamos, eles já tinham nos dado um sinal na língua deles.

Os dados coletados somam mais de 127 sinais. Vale destacar que a maioria dos sinais faz referência aos elementos do entorno do grupo, mas não significa dizer que só esses elementos são suficientes, pois, assim que outros elementos entram em cena, naturalmente eles darão um sinal para eles, demonstrando assim que o léxico, a exemplo do que ocorre em outras línguas, está em constante expansão.

Após a viagem de campo, os dados obtidos foram transcritos com o auxílio do *software* ELAN e posteriormente os dados foram revisados pelos colaboradores surdos.

Vale mencionar que os dados apresentados a seguir foram obtidos a partir da pesquisa de campo conduzida após as devidas autorizações.

Algumas considerações sobre a Língua indígena de Sinais Makuxi

A Língua Indígena de Sinais Makuxi (LIS Mak) é uma língua fascinante e complexa que oferece uma visão única da cultura e da identidade do povo Makuxi. O léxico da LIS Mak é um elemento fundamental dessa língua e merece ser estudado e valorizado. Com esse intuito, essa seção irá apresentar algumas das razões pelas quais o estudo do léxico da LIS Mak é importante, para a linguística e a comunidade surda Makuxi.

Como já mencionamos anteriormente, a maioria dos sinais faz referência ao cotidiano do grupo. É salutar destacar que os usuários dessa língua se orientam por meio do sol; existem várias línguas indígenas que se referem à posição do sol em seus termos de direção. Algumas línguas dos povos aborígenes da Austrália, por exemplo, como a língua Yolngu, usam termos que se referem ao nascer e pôr do sol como pontos de referência para descrever a posição das coisas.

Assim, os sinais destinados a ONTEM e a AMANHÃ possuem respectivamente as seguintes características:

Figura 2 – Sinal ONTEM



Fonte: Elaborada pelo autor

Para a compreensão do sinal ‘acima’ é importante levar em consideração a posição do poente do sol, pois o sinal para ONTEM faz referência ao pôr do sol. Já o sinal para AMANHÃ, indica o nascer do sol, apontando para o lugar em que o sol ‘nasce’.

Figura 3 – Sinal AMANHÃ



Fonte: Elaborada pelo autor

Como podemos observar, ainda levando em consideração a realidade em que os usuários da língua estão inseridos, os sinais destinados aos dias da semana fazem alusão ao transporte que passa na rua que dá acesso às casas da família, com exceção do sinal para domingo e segunda-feira. Assim, o sinal referente ao domingo é realizado da seguinte maneira:

Figura 4 – Sinal DOMINGO

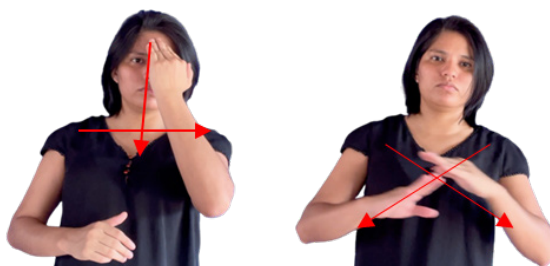


Fonte: Elaborada pelo autor

Nota-se que há a execução de um único sinal: o SINAL DA CRUZ. Tal sinal remete a uma questão cultural, haja vista que a família é de religião católica e, normalmente, aos domingos vão à igreja, por essa razão, o sinal em língua de sinais Makuxi se faz como a saudação inicial das missas.

Por sua vez, o sinal que faz alusão à SEGUNDA-FEIRA pode ser traduzido livremente como “domingo que acabou”, como podemos ver na Figura 5:

Figura 5 – Sinal SEGUNDA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Como podemos observar, o sinal da Figura 5 é composto, pois é formado pela junção dos seguintes sinais: de DOMINGO + ACABAR = SEGUNDA-FEIRA.

Vale destacar que os sinais da Figura 6 fazem referência ao transporte que faz linha para o município; assim, todos os sinais indicam a ida ou a vinda desse ônibus para a comunidade Água Fria, Uiramutã e para Boa Vista, como poderemos visualizar a seguir. O sinal para TERÇA-FEIRA é realizado da seguinte maneira (Figura 6):

Figura 6 – Sinal TERÇA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Na primeira imagem, temos o sinal referente a ÔNIBUS, e na segunda imagem, o sinal que representa a passagem desse ônibus para outra comunidade chamada Água Fria.

Por seu turno, o sinal que faz referência a QUARTA-FEIRA é executado conforme a Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Sinal QUARTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Nos sinais da Figura 7, que representam a QUARTA-FEIRA, observamos que o movimento faz alusão ao retorno do ônibus da comunidade Água Fria

Já o sinal referente a QUINTA-FEIRA é realizado conforme a Figura 8 a seguir:

Figura 8 – Sinal QUINTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Vale destacar que, para a compreensão desse sinal, é importante considerar a localização geográfica da sede do município de Uiramutã, pois o sinal faz menção ao ônibus que se desloca da comunidade Água Fria para a cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

Por seu turno, o sinal que faz alusão ao que seria a SEXTA-FEIRA é realizado conforme se apresenta na Figura 9:

Figura 9 – Sinal SEXTA-FEIRA



Fonte: Elaborada pelo autor

Tal sinal (Figura 9) indica a volta do ônibus de Boa Vista para a comunidade Água Fria. Por fim, o sinal indicativo de SÁBADO é produzido de acordo com a Figura 10:

Figura 10 – Sinal SÁBADO



Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, percebemos que os sinais indicativos de TERÇA e SÁBADO são idênticos em razão da movimentação do ônibus que faz a linha para a comunidade Água Fria. Como podemos visualizar, a partir do sinal para TERÇA-FEIRA, todos são seguidos do sinal para ÔNIBUS mais a direção deste em relação ao município de Uiramutã, a comunidade Água Fria e à Boa Vista.

Nível fonético-fonológico

No que diz respeito ao nível fonético-fonológico, a língua de sinais Makuxi apresenta uma fluidez mais acelerada que, por exemplo, na Libras, significa dizer que é comum o uso de sinais empregados com o auxílio de apontamentos e gestos que ajudam na transmissão da mensagem.

Além disso, é uma língua que não possui um alfabeto manual, logo, os sinais não apresentam referências às letras do português. Araújo e Oliveira (2020) apresentam, como exemplo de par mínimo, os sinais de PROFESSOR e ALUNO; além desses, identificamos mais alguns dos quais destacaremos os seguintes sinais: BONITO e NOITE (Figura 11).

Figura 11 – Sinal BONITO



Fonte: Elaborada pelo autor

O sinal da Figura 11 significa BONITO. Logo a seguir, temos o sinal para NOITE. Como podemos observar, o sinal é realizado com as duas mãos em frente ao corpo e terminam no espaço neutro. Por outro lado, o sinal de NOITE ocorre de maneira inversa, ou seja, com as mãos abertas no espaço neutro e terminam com as mãos juntas em frente ao corpo, conforme se examina na Figura 12 a seguir.

Figura 12 – Sinal NOITE



Fonte: Elaborada pelo autor

Assim, se comparamos os dois sinais, notamos que os dois são bastante similares, diferenciando-se apenas em relação ao movimento.

Nível morfossintático

O nível morfossintático de uma língua de sinais emergente refere-se à sua estrutura gramatical, incluindo as regras para formação de palavras e frases e como as diferentes partes da frase são relacionadas entre si. Em geral, as línguas de sinais emergentes tendem a ter uma estrutura gramatical mais simples do que as línguas de sinais consolidadas, mas isso pode variar dependendo do nível de desenvolvimento da língua e da comunidade que a usa.

Algumas características comuns de línguas de sinais emergentes incluem a falta de um sistema de gênero, a tendência para a concisão e a flexibilidade na ordem das palavras na frase. No entanto, mesmo entre as línguas de sinais emergentes, há uma grande variedade na estrutura morfossintática e isso pode ser influenciado por vários fatores, como a cultura e a linguagem de origem da comunidade surda, bem como a interação com outras línguas de sinais e línguas faladas.

Em geral, é importante continuar descrevendo e estudando o nível morfossintático das línguas de sinais emergentes para entender melhor as estruturas linguísticas subjacentes e como elas se desenvolvem e evoluem ao longo do tempo.

Nesse sentido, apresentamos na Figura 13 o processo de composição para a formação de sinais na língua de sinais Makuxi. Assim:

Figura 13 – Sinal ESCOLA



Como é possível observar, o sinal da Figura 13 é composto de CASA + PROFESSOR, a junção desses dois sinais resulta em outro sinal: ESCOLA. Assim, Felipe (2006) denomina esse processo de formação de palavras como justaposição, ou seja, quando dois sinais distintos se juntam para formar um outro elemento dentro da língua; a autora destaca ainda que tal processo possui uma tipologia específica, mas que não será tratada neste trabalho.

Nível sintático

Na Língua de Sinais Makuxi, aparentemente, a ordem das sentenças é objeto, sujeito e verbo (OSV); contudo, apenas um estudo mais detalhado poderá confirmar nossas primeiras impressões. Assim, um exemplo da ordem das frases encontrada nessa língua está representado na Figura 14.

Figura 14 – Exemplo de frase



Fonte: Elaborada pelo autor

A frase em questão (Figura 14) pode ser traduzida livremente como: “Eu gosto de comer peixe”. Note-se que a ordem sintática na língua de sinais Makuxi é OSV. Uma possível razão para tal ordem é o reflexo/empréstimo da ordem sintática da Língua Oral Makuxi, haja vista que a progenitora era ouvinte e falante tanto de Makuxi quanto de português, assim, possivelmente houve a transferência de ordem de uma língua para a outra.

Considerações

A descrição de LSE é importante porque essas línguas são uma parte vital da diversidade linguística e cultural do mundo. Elas são usadas por comunidades surdas que historicamente têm sido excluídas ou ignoradas, e a descrição dessas línguas ajuda a garantir sua preservação e valorização. Além disso, a descrição de LSE pode contribuir para a compreensão mais ampla da linguística e do funcionamento da linguagem humana.

As descrições aqui realizadas ainda são superficiais, mas abrem margem para pesquisas futuras sobre a língua indígena de sinais Makuxi. Como vimos, a língua em questão se organiza de forma bastante peculiar em comparação a outras línguas de sinais emergentes. Dessa forma, a descrição de LSE é uma parte crucial do trabalho de preservar a diversidade linguística e cultural e de compreender como a linguagem funciona.

Referências

ADRIANO, N. A. Sinais Caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da várzea queimada (Piauí, Brasil). *Revista Linguagem & Ensino*, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, 6 nov. 2020.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. de. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. *Norte@mentos*, v. 14, n. 37, p. 224-240, 2021.

BRENTARI, D.; GOLDIN-MEADOW, S. *Language Emergence*. *Annual Review of Linguistics*, 363-388, 2017.

COPPOLA, M.; A. SENGHAS. Deixis in an emerging sign language. In: BRENTARI, Diane. *Sign language*. Cambridge University Press. 2010.

COSTA, M. G. L. *Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar*. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

DE VOS, C.; PFAU, R. Sign language typology: the contribution of rural sign languages. *Annual Review of Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 265-288, 2015.

ELER, R. R. S. *Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí*. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

FELIPE, T. A. *Os processos de formação de palavras na Libras*. Educação Temática Digital – ETD, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FERRARI, A. C. M (Org.). Diálogos oportunos sobre as línguas de sinais indígenas: apresentação do Dossiê “Emergências das línguas de sinais indígenas”. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 22, p. e022017, 2022. DOI: 10.20396/liames.v22i00.8671357. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8671357>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FORMIGOSA-MARIE-ROSE, E. S. F. *Etude de la variation linguistique de la LS au Brésil dans l'enseignement de la Libras*. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências da Linguagem, Université Paris 8 - Vincennes-saint-denis, Paris 8, França, Paris, 2015.

FUSELLIER-SOUZA, I. *La création gestuelle des individus sourds isolés: de l'édification conceptuelle et linguistique à la sémiogénèse des langues des signes*. AILE, v. 15, p. 61-95, 2001.

GODOY, G. *Os Ka'apor: seus gestos e sinais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents, in K. Gibson & R. Ingold (Ed.), *Tools, language and cognition in human evolution*, Cambridge University Press, Cambridge, Mass, p. 63-85. 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KAKUMASU, J. Urubu Sign Language. In: *International Journal of American Linguistics*. v. XXXIV, outubro, 1968.

LE GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. (Org.). *Emerging Sign Languages in the Americas*. Berlin: de Gruyter, 2020.

MEIR, I.; SANDLER, W.; PADDEN, C.; ARONOFF, M. Emerging sign languages. In: MARSCHARK, Marc; SPENCER, Patricia Elizabeth (Ed.). *Oxford handbook of deaf studies, language, and education*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 267-280.

MOURA, J. S. *Estudo comparativo entre sinais caseiros e a Libras com surdos de Canaúanim*. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

PEREIRA, É. L. “Fazendo Cena na cidade dos mudos”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do PIAUÍ. 2013. 418 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 683- 695.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224 p.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

SOUZA, D.; QUADROS, R. M. Mapeamento das línguas de sinais emergentes e de comunidades isoladas encontradas no Brasil. In: *III^e Rencontres Interdisciplinaires franco-brésiliennes: Surdit , Singularit  et Universalit *. Paris, França. 29 oct./2 nov. 2018.

STOKE. W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press. 1960.

SUMAIO, P. A. *Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos*. 2014. 124 f. Disserta o (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Gradua o em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

VILHALVA, S. *Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul*. 2009. 124 f. Disserta o (Mestrado em Linguística, Florianópolis, SC, 2009.